

O PERFIL DO EDUCADOR DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Claudimar Paes de Almeida¹

RESUMO: O artigo tem como objetivo estudar o perfil do professor de Português diante das mudanças no ensino da Língua Materna. Nesse sentido, procura-se, a partir dos aportes teóricos selecionados, discutir aspectos relacionados à prática dos professores e ao ensino e à aprendizagem da Língua Portuguesa na escola, de forma a subsidiar as atitudes pertinentes e transformadoras no contexto de ensino no qual o professor está inserido. A metodologia adotada foi delineada por meio de estudo bibliográfico associado às entrevistas semiestruturadas com docentes da disciplina de Língua Portuguesa, para relacionar teoria e prática. A pesquisa mostrou a necessidade de linhas de ações que contribuam na construção de um ensino renovador caracterizado por uma nova realidade social, com práticas de ensino e aprendizagem advindas de uma nova postura do professor, haja vista a dinamicidade das mudanças da utilização da Língua Materna em seus variados contextos sociais.

Palavras-chave: Ensino; Língua Portuguesa; Perfil do professor.

THE EDUCATOR'S PROFILE BEFORE TRANSFORMATIONS IN PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING

ABSTRACT: The article aims to study the profile of the Portuguese teacher in the face of changes in the teaching of the mother tongue. In this sense, it is sought from the selected theoretical contributions to discuss aspects related to the practice of teachers and the teaching and learning of the Portuguese language at school, in order to subsidize the pertinent and transforming attitudes in the teaching context in which the teacher is inserted. The methodology adopted was outlined through a bibliographic study, associated with semi-structured interviews with teachers of the Portuguese language discipline to relate theory and practice. The research showed the need for lines of action that contribute to the construction of a renewing education characterized by a new social reality, with teaching and learning practices arising from a new attitude of the teacher, given the dynamics of the changes in the use of the Mother Language in their varied social contexts.

Keywords: Teaching; Portuguese language; Teacher profile.

Introdução

Vive-se em um século marcado por diversas transformações sociais, culturais, econômicas e políticas, no qual o avanço tecnológico e os processos científicos intensificam-se

¹ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, com concentração na área de Literatura e Práticas Culturais E-mail: claudimarpaes@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4174-2006>.

cada vez mais. Para acompanhar essas transformações, é necessário que ocorram diversas revisões e reformulações, principalmente no que diz respeito à educação, em especial, ao ensino da Língua Portuguesa.

Por muito tempo, a educação tradicional predominou no ensino da Língua Portuguesa, no qual não se levava em consideração a realidade e o interesse dos alunos; o texto era utilizado para ensinamentos de valores morais, tratamentos visualizados nos aspectos gramaticais normativos, sem respeitar as formas de oralidade e as variedades linguísticas utilizadas pelos alunos; o ensino descontextualizado era interligado a exercícios mecânicos e frases soltas etc.

Ainda hoje, persistem práticas inadequadas, que não são condizentes em relação ao ensino da Língua Portuguesa e que não colaboram de forma significativa para que o aluno amplie sua competência linguística, seja escrita ou oral. As demandas de mudanças são iminentes, e isso requer um compromisso por parte da escola e, principalmente do professor, que não pode ausentar-se do pleno exercício da cidadania para com os seus alunos. A Língua Portuguesa não pode deixar de ser uma disciplina que colabore na formação de pessoas críticas, participativas, atuantes, seja em seu aspecto social ou político e o professor de Português exerce a função primordial de ser o mediador desse processo de ensino e aprendizagem, ao estimular em suas aulas o domínio das mais diversas formas de linguagem.

Nessa perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo investigar o perfil do professor de Português diante das mudanças no ensino da Língua Materna. Desse modo, o trabalho parte da metodologia de cunho bibliográfico, associado às entrevistas semiestruturadas com docentes da disciplina de Língua Portuguesa das escolas do município de Humaitá-AM.

A prática dos professores de Língua Portuguesa

O atual contexto de mudanças nos remete a pensar em diversas questões que precisam ser reelaboradas e revistas. A (re)definição do papel do ensino da Língua Portuguesa deve partir de uma necessidade real, na qual se deve deixar o sentido tradicional de lado e procurar um novo sentido para a mesma. Há a necessidade de mudança de paradigma pois as mudanças têm que estar associadas a novos valores e a uma democratização social e econômica.

No entanto, além do educando existe uma peça de grande importância no espaço educacional: o professor. Este profissional não deve ausentar-se do grande momento histórico

atual, e sim a partir da disciplina de Língua Portuguesa colaborar de forma significativa na vida das pessoas e na sociedade. Como ressalta Antunes (2003, p. 15),

O momento nacional é de luta, de renovação e incita a mudança a favor de uma participação cada vez maior de toda a população e de um exercício cada vez mais pleno da cidadania. O professor não pode ausentar-se desse momento nem tampouco permanecer nele de modo superficial. O ensino da Língua Portuguesa também não pode afastar-se desses propósitos cívicos de tornar as pessoas cada vez mais críticas, mais participantes e atuantes, política e socialmente.

O professor de Português, por meio do ensino da língua, deve colaborar para que o aluno possa ser um cidadão atuante no meio em que vive; ele (o professor) deve colocar-se como um instrumento presente e não simplesmente se colocar à margem dos acontecimentos do dia a dia, contribuindo assim para formar educandos participantes nas decisões diante das questões sociais, conforme Cunha (2010, p. 21): “O professor deve buscar a autonomia do educando e prepará-lo para melhorar sua vida e suas relações pessoais e profissionais, e para o uso adequado da linguagem comunicativa”.

Acredita-se que é por meio da linguagem que as pessoas interagem e têm uma participação efetiva na sociedade; não cabe mais ao professor de Português ensinar de forma fragmentada, ou seja, ater-se a meras codificações de palavras soltas, detendo-se, simplesmente em questões de análise sintática. Destaca Antunes (2003, p. 16):

Apesar de muitas “análises sintáticas”, apesar de muitas vezes nos darmos ao insano (e inglório!) trabalho de tentar diferenciar um “adjunto adnominal” de um “complemento nominal” e outros pormenores classificatórios, apesar de tanto quebrar a cabeça com essas irrelevâncias metalinguísticas, faltou tempo – e talvez capacidade – para se descobrirem as regularidades do funcionamento interativo da língua, o que somente acontece por meio de textos orais e escritos e em práticas discursivas as mais diversas, conforme as situações sociais em que se inserem.

O processo discursivo é um grande instrumento de valorização das mais variadas situações reais do uso da língua, pois é através de diversos textos que veiculam na sociedade com suas mais diversas situações de uso que estes podem contribuir na construção de uma participação efetiva na sociedade. Logo, o professor deve preparar um ambiente adequado e motivado, “[...] com perspectivas de se habilitar ao uso da linguagem como fonte de realização

pessoal e profissional, envolvendo-se e envolvendo a comunidade em que vive, e onde deve atuar como sujeito autônomo e capaz de melhorar sua qualidade de vida e de toda a humanidade” (CUNHA, 2010, p. 21-22).

É necessário que se conheçam as regularidades do funcionamento interativo da língua; se não há a abertura para essa perspectiva o professor de Português acabará caindo num processo monótono e, criando um ambiente em sala de aula, no qual as nomenclaturas gramaticais predominam, tornando o ensino desta disciplina um momento sem prazer e sem importância. Segundo Antunes (2003, p. 16):

Se o que predomina nas aulas de Português continua sendo o estudo inócuo das nomenclaturas e classificações gramaticais, ir à escola e estudar Português pode não ter muita importância, principalmente para quem precisa, de imediato, adquirir competências em leitura e em escrita de textos. Ou mesmo para quem precisa ter uma certa fluência e desenvoltura no exercício mais formal da comunicação oral. Certamente, há alguém ou alguns que tiram proveito da manutenção desses padrões de ensino da língua – padrões que, na verdade, só “despistam” a atenção e embotam a criticidade das pessoas para perceberem o que, de fato, se pode fazer e se pode sofrer pelo domínio da palavra. Enquanto o professor de Português fica apenas analisando se o sujeito é “determinado” ou “indeterminado”, por exemplo, os alunos ficam privados de tomar consciência de que ou eles se determinam a assumir o destino de suas vidas ou acabam todos, na verdade, “sujeitos inexistentes”.

O professor de Português tem função primordial na ampliação das potencialidades comunicativas dos alunos; é necessário que este educador se empenhe no processo de mudança, investindo em verdadeiras práticas políticas e planejamento para que estas sejam ferramentas colaborativas no exercício consciente e pleno da verdadeira cidadania. Nesse sentido Antunes (2003, p. 34) salienta que:

A complexidade do processo pedagógico impõe, na verdade, o cuidado em se prever e se avaliar, reiteradamente, concepções (o que é a linguagem? O que é a língua?), objetivos (para quem ensinamos? Com que finalidade?), procedimentos (Como ensinamos?) e resultados (O que temos conseguido?), de forma que todas as ações se orientem para um ponto comum e relevante: conseguir ampliar as competências comunicativo-interacionais dos alunos.

O professor deve ter iniciativa para que a aprendizagem se concretize verdadeiramente. Adotar uma atividade pedagógica que implique nas mudanças de atitudes, na reflexão da

situação real, tanto do aluno quanto de sua posição social, já é um grande passo para a formação integral do mesmo. “Para exercermos a inclusão social pela educação, devemos ver o educando como sujeito do processo de ensino e aprendizagem, respeitando sua personalidade individual, suas tradições culturais, sua trajetória de vida, valorizando a sua contribuição pessoal na formação dos saberes” (CUNHA, 2010, p. 22).

Segundo os PCN (1998) de Língua Portuguesa, o ensino do Português deve ser crítico, onde o professor possa abordar com liberdade as variantes linguísticas e dessa forma, o aluno possa adquirir a competência linguística, na qual defenderá seu ponto de vista, e apresentará críticas, além de compartilhar seus conhecimentos no meio social onde vive. Assim destaca os PCN (1998, p. 34):

Ao tomar a língua materna como objeto de ensino, a dimensão de como os sujeitos aprendem e de como os sujeitos desenvolvem sua competência discursiva não pode ser perdida. O ensino de Língua Portuguesa deve se dar num espaço em que as práticas do uso da linguagem sejam compreendidas em sua dimensão histórica e em que a necessidade de análise e sistematização teórica dos conhecimentos linguísticos decorra dessas mesmas práticas.

Entende-se que é a partir da reflexão da prática da língua e da linguagem, que se pode possibilitar instrumentos que viabilizem a construção do aluno em relação ao desenvolvimento da competência discursiva, dentro das habilidades do ler, escrever, escutar e falar, e que estas possam ser utilizadas em diversas situações para que ocorra assim a interação do aluno ao meio em que vive. Nessa perspectiva, o professor de Português deve abarcar-se do compromisso de quebrar velhos conceitos, paradigmas, desapegando-se de velhas metodologias rotineiras, que não garantem a participação atuante do aluno. Desse modo, “[...] urge a necessidade de abdicar de dogmas universalizantes existentes no ensino, para que possamos atender às necessidades imediatas e reais dos alunos (FREITAS; BARBOSA, 2013, p. 30).

De acordo com os PCN (1998), a língua pauta-se na interação, promovendo a competência do aluno à leitura, à produção de textos orais e escritos e ao discurso. Compreende-se ainda que, em boa parte dos materiais didáticos existentes, por mais que estejam incluídos os diversos gêneros, ainda ocorre o trabalho de forma uniforme, não levando em conta sua construção de sentidos.

Cabe então ao professor de Português tornar-se esse mediador que deve pensar constantemente em sua prática educativa, e isso requer um estado permanente de re(descobertas) e re(invenções); a partir daí “[...] o professor encontra condições para deixar de ser mero repetidor de uma lista de conteúdos, iguaizinhos de ano a ano, em qualquer lugar e situação – conteúdos, muitas vezes, alheios à língua que a gente fala, ouve, escreve e lê” (ANTUNES, 2003, p. 35).

Neste contexto, o professor a partir da construção de uma nova concepção de ensino e aprendizagem, deve proporcionar meios para que o ensino da Língua Materna seja eficaz, e isso só funcionará no momento em que esse educador tomar como referência o cotidiano dos seus alunos, ou seja, a realidade em que eles vivem. Enfatiza Antunes (2003, p. 36):

Dessas implicações, por sua vez, derivam práticas ou os procedimentos concretos que cada professor, na vida diária com seus alunos, vai inventando. Já não há mais lugar para o professor simplistamente repetidor, [...], que fica, passivo, à espera de que lhe digam exatamente como fazer, como “passar” as noções que lhe ensinaram. Os princípios são o fundamento em que o professor vai apoiar-se para criar suas opções de trabalho. O novo perfil do professor é aquele do pesquisador, que, com seus alunos (e não, “para” eles), produz conhecimento, o descobre e o redescobre. Sempre.

Se o docente unir a postura do pesquisador ao assumir um novo perfil do professor diante das transformações vigentes, comprometendo-se de forma efetiva na construção de uma nova prática pedagógica e social, acredita-se que ele contribuirá de modo eficaz no processo de edificação da aprendizagem do aluno, e cumprindo seu papel histórico e social na sociedade em que vive.

Partindo desse pressuposto, o aluno precisa ser visto como sujeito ativo, que busca sua identidade, e o professor precisa romper com modelos estanques e ultrapassados como mecanização e/ou “decoreba”, realização de resumos de textos e exercícios de forma exacerbada (FREITAS; BARBOSA, 2013). Assim, favorecerá uma autonomia que coloque o aluno num processo de reflexão e autorreflexão do seu estar no mundo, e que necessita ser um agente ativo e participativo na construção e transformação da sociedade.

O ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa na escola

Há muito tempo vem se discutindo o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. Diante desse contexto, os PCN nos apontam três variáveis que devem ser levadas em consideração durante o ensino e aprendizado da referida disciplina. São elas: “o aluno”, “os conhecimentos com os quais se opera nas práticas de linguagem” e “a mediação do professor” (PCN, 1998, p. 22).

Nesse sentido, as articulações variáveis são vistas pelos PCN (1998, p. 22) da seguinte forma:

O primeiro elemento dessa tríade – o aluno – é sujeito da ação de aprender, aquele que age com e sobre o objeto de conhecimento. O segundo elemento – o objetivo de conhecimento – são os conhecimentos discursivo-textuais e linguísticos implicados nas práticas sociais de linguagem. O terceiro elemento da tríade é a prática educacional do professor e da escola que organiza a mediação entre sujeito e o objeto do conhecimento.

O aluno nessa reflexão é o instrumento no qual deve ser dado o foco principal, pois é ele que traz já consigo um conhecimento em particular o qual adquiriu em sua convivência familiar, ele é o agente. Nesse direcionamento, o processo de ensino e aprendizagem ocorre quando o conhecimento linguístico e discursivo produz a participação do meio social, mediado através da linguagem. Para tanto, a sala de aula deve ser “[...] um local de interlocução, de troca, onde haja a interpretação e reinterpretação da realidade social dos sujeitos (FREITAS; BARBOSA, 2013, p. 30).

Por último, mas não menos importante, o professor: sua intervenção é primordial. Ele deve atuar como mediador (quem intercede, faz a mediação) e não como ditador (que exerce poder absoluto, despótico, autoritário). Por conseguinte, ele deve criar e organizar situações que proporcionem ao aluno o aprendizado. Os PCN (1998, p. 22), afirmam que:

[...] planejar situações de interação nas quais esses conhecimentos sejam construídos e/ou tematizados; organizar atividades que procurem recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não o escolar, considerando-se sua especificidade e a inevitável transposição didática que o conteúdo sofrerá; saber que a escola é um espaço de interação social onde práticas sociais de linguagem acontecem e se circunstanciam, assumindo características bastante específicas em função de sua finalidade: o ensino.

Para que isso se concretize, a preocupação do professor e da escola em relação à aprendizagem não deve estar direcionada somente à admissão de informações, mas para a formação e construção da cidadania do aluno. A escola deve ser a criadora de espaço que proporcione ao aluno interação social, colaborando assim de forma significativa no seu aprendizado, e o “[...] professor não pode omitir-se diante dos grandes desafios que existem na sociedade contemporânea, principalmente enquanto indivíduo capaz de transformá-la a partir de uma pedagogia que não leve ao fechamento” (FREITAS; BARBOSA, 2013, p. 30).

É preciso que o professor compreenda que ele é um facilitador, e que precisa ter em sua prática sentimentos de percepção da realidade de seus alunos, levando-os assim a se realizarem. O ensino da linguagem não pode fechar-se num encaminhamento mecânico de normas e regras; o professor precisa propor ao aluno “[...] um ensino que ilustre a importância do saber falar e escrever de forma culta; no entanto é preciso também respeitar e levar em consideração as individualidades do aluno, tornando-o capaz de identificar as variadas linguagens e saber utilizá-las em momentos propícios (AMARAL et. al, 2012, p. 1-2).

Deve-se levar em consideração também que o conhecimento não se constrói individualmente, pois este vem abarcado por marcos social e cultural. Nessa intermediação proporcionada pelo professor, deve este direcionar conteúdos que garantam através da reflexão e ação a aprendizagem efetiva. De acordo com os PCN (1998, p. 22):

Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem.

O professor não será, nessa perspectiva, um instrumento de ensino das regras gramaticais como no ensino tradicional, que busca como objetivo principal o método de decorar conceitos, entretanto, atuará como participante fundamental no processo de ensino e aprendizagem. É ele que desencadeará formas diversas de atividades que possam levar o aluno a indagar, refletir, questionar, etc. É nesse caminho dialogal que o aluno se sentirá participante e, conseqüentemente, ativo, atuante e essencial na sua própria aprendizagem. Assim, o que se

busca como objetivo principal, é que o aluno desfrute com capacidade a linguagem em função da cidadania. Os PCN (1998, p. 24) fomentam:

Uma rica interação dialogal na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e os alunos, é uma excelente estratégia de construção do conhecimento, pois este permite a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos e avaliação dos processos pedagógicos em que estão envolvidos.

Dentro dessas alternativas, deve-se considerar outro ponto também importante: o de que o professor deve estar atento às mudanças ocorridas e às situações reais no seu tempo, à medida que, essas mudanças colaboram na importância e nos valores da utilização da linguagem, e estas são de determinada forma, parte de um processo histórico que se modifica conforme as transformações sociais de cada momento. “[...] atualmente, exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes dos que satisfazem às demandas sociais até há bem pouco tempo – e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente” (PCN, 1998, p. 23). Para atender a essas diversas demandas, torna-se necessário avaliar as formas de ensino presentes nas escolas.

O professor deve considerar que as demandas vigentes exigem novos olhares em relação às suas práticas, e que tanto a escola quanto o professor devem colocar-se em novas tomadas de decisões, colaborando assim para a formação expressiva na vida dos alunos. De acordo com Amaral et. al (2012, p. 4), “é preciso termos alunos críticos diante da sociedade e para isso é indispensável o conhecimento e a valorização da Língua Portuguesa”.

O ensino da Língua Portuguesa na perspectiva dos professores

Nessa parte do trabalho, foram analisadas as respostas obtidas por meio dos questionários respondidos por professores de Língua Portuguesa. A coleta de dados foi formada por oito (8) professores que atuam no Ensino Médio das Escolas Públicas Estaduais do município de Humaitá-AM, sendo que entre os entrevistados dois (2) são do sexo masculino e seis (6) do sexo feminino. Os professores entrevistados atuam entre 1 ano e meio a 20 anos na profissão. Possuem idade de 28 a 40 anos. Todos são licenciados na área de Língua Portuguesa. E por questões éticas os professores entrevistados serão nomeados pelas siglas T1, T2, T3, T4, T5, T6, T7 e T8.

Quanto à primeira questão, sobre como deve ser a aula de Língua Portuguesa, foi possível perceber que os professores desejam que as aulas devam ser dinâmicas, participativas, atrativas e que prendam a atenção dos alunos, com práticas de atividades variadas que envolvam leitura e escrita, voltadas para a diversidade linguística, envolvendo a realidade do aluno, com recursos audiovisuais e divididas em Gramática e Literatura. Segundo os professores,

- Deve ser dinâmica, pois muitas vezes o ensino da Língua Portuguesa é considerado monótono, chegando a causar o desinteresse dos alunos; por isso devemos buscar novas metodologias para a sua formação (T2).
- Dividida em Gramática e Literatura, deve contemplar as duas áreas, para que os alunos tenham um aprendizado significativo (T3).
- A aula de Língua Portuguesa deve ser através de atividades variadas, principalmente as que envolvem a prática da leitura e escrita (T4).
- A aula de Língua Portuguesa tem que ser o mais atrativa possível, pois neste mundo globalizado é difícil prender a atenção dos alunos para ensinar teoria se ela não vier acompanhada de uma prática (T5).

Sobre o que ensinar na aula de Português, os professores afirmam que a prática do ensino deve estar ligada ao ensino da língua, gramática, literatura, produção de texto. Os conteúdos devem estar voltados a programas que envolvam temas transversais, normas que regem a Língua Portuguesa e ensinar o aluno a ser um leitor crítico e reflexivo. Ressaltam os professores:

- Mesclar gramática, produção textual e dar ênfase à leitura e interpretação, pois esta última é fundamental para o aprendizado das outras disciplinas (T2).
- Gramática, literatura e principalmente produção textual (T3).
- Ensinar as normas que regem a Língua Portuguesa, ensinar o aluno a ser um leitor crítico e reflexo (T4).
- Gramática, literatura e produção textual (T6).

Entende-se que os professores comentam que as aulas de Língua Portuguesa devem ter uma variedade de atividades para o aprendizado; ressaltam que as mesmas devem estar voltadas para a gramática, leitura, produção, interpretação de texto, entre outros. Percebe-se a afirmação de que as aulas devem ser momentos importantes de troca de conhecimento e servem como instrumentos para o aprendizado; assim, como já colocado pelos professores é necessária uma diversificação de atividades para que o aluno a partir da exposição delas possa ter várias

possibilidades para o aprendizado significativo. A partir desse posicionamento contribuem Brandão e Vieira (2014, p. 9-10):

- (i) O objetivo maior do ensino de Língua Portuguesa é desenvolver a competência de leitura e produção textual; (ii) a unidade textual em toda a sua diversidade de tipos e gêneros, nos diferentes registros, variedades, modalidades, consoantes as possíveis situações sociocomunicativas – deve ser o ponto de partida e de chegada das aulas de Português [...].

É a partir das atividades inovadoras que o aluno será instigado a aprender de forma a que esse aprendizado se fixe para toda a sua vida, utilizando-o quando necessário for. Ao ser direcionada a pergunta sobre o uso do livro didático e sobre a importância que eles atribuem ao ensino da Gramática, encontraram-se os seguintes apontamentos: “O livro didático facilita o trabalho do educador e serve como um norteador do trabalho a ser realizado” (T8). Alguns afirmaram que ele é “essencial e necessário para o professor e para o aluno” (T3), “facilita a aprendizagem do educando” (T6). Em contrapartida, outros professores comentaram que o livro didático “não deve ser o único material a ser adotado e é apenas umas das ferramentas a ser utilizada” (T4).

Na concepção da maioria dos professores o livro didático é ferramenta essencial; no entanto, encontra-se aí um olhar contraditório em relação ao livro didático: ora os professores falam que é ferramenta essencial, ora falam que não deve ser o único instrumento. Deve-se tomar muito cuidado nessa limitação de conhecimento teórico, ou seja, apoiar-se somente no livro didático como instrumento de ensino.

As propostas de ensino têm que ir além da limitação do livro didático, ou então os professores acabam não atingindo o ideal, que é o aprendizado do aluno. Amaral e outros (2012, p. 5-6) destacam que “o ensino de Língua Portuguesa vive atualmente, assim como todas as outras disciplinas, um momento de revisão de seus princípios, objetivos e principalmente de suas metodologias”.

Em relação à atribuição ao ensino da gramática, a maioria dos professores ressaltou a importância do estudo gramatical, pois permite ao aluno alcançar um patamar e *status* mais elevado na língua e conhecer as regras para aplicar na linguagem. Ela é exigida em vestibulares e concursos, favorece a compreensão e produção de textos tanto no cotidiano quanto no uso formal. Os professores destacaram o seguinte:

- A gramática é fundamental, pois auxilia o aluno e o professor no desenvolvimento da escrita (T1).
- Primordial no processo de ensino e aprendizagem, pois é através da gramática que o aluno produzirá um bom texto (T3).
- A gramática é muito importante, pois favorece a compreensão e produção de textos tanto no cotidiano quanto no uso formal (T4).
- Ela é importante, pois é exigida em vestibulares e concursos (T5).
- Acho importante o ensino da gramática, pois permite ao aluno alcançar um patamar e status mais elevados no uso da língua (T8).

Alguns professores citaram que “ela deve ser ensinada, mas de forma contextualizada” (T5, T2 e T8), ou seja, que ela seja aplicada de forma a contribuir na vida do aluno e no seu cotidiano. Nesse sentido, verifica-se que o ensino do Português não pode estar atrelado à obtenção das regras gramaticais, mas sim dentro de um processo dinâmico, valorizando alguns aspectos que colaborem na construção do sujeito enquanto autor da sua história.

O ensino da Língua Portuguesa não deve ser um mero objeto de ensino de regras gramaticais, pois se esta for ensinada sem estar ligada à vida cotidiana do aluno, acaba servindo como instrumento de isolamento do indivíduo. O ensino dessa disciplina deve direcionar o aluno a ser um cidadão crítico, reflexivo, político e envolvido na sociedade em que está inserido. Corroborando Fraga (2016, p. 80), ao dizer que:

[...] a nova Base Nacional Comum Curricular sugere transformações no ensino de Língua Portuguesa na educação básica, a partir das concepções epistemológicas-teórico-práticas [...], com o objetivo de tornar o espaço escolar mais democrático, para formar um humano mais autônomo e cômico de seu papel na sociedade em que vive, valorizando a cultura do aluno e, ao mesmo tempo, facultando experiências diversas das que vivencia no ambiente familiar [...].

Os professores foram questionados também a respeito da relação entre professor e aluno. Os professores entrevistados relataram ser um fator importante no processo de ensino e aprendizagem: ela ajuda o aluno a superar as dificuldades e contribui na assimilação do conteúdo, permite que o aluno aprenda, já que sente mais confiança no professor. Ressaltaram os professores:

- Pode contribuir no aspecto de assimilar os conteúdos com mais facilidade, pois através de uma boa relação professor-aluno, torna-se fácil superar as dificuldades (T3).
- Em tudo, para mim é fundamental uma boa relação entre professor e aluno, pois só assim ele terá confiança para fazer questionamentos e tirar suas dúvidas e assim o ensino-aprendizagem fluirá normalmente (T5).
- Faz-se necessário o bom relacionamento entre professores e alunos para que haja um bom andamento nas atividades (T6).

A relação entre professor e aluno é uma grande contribuidora para que o aprendizado ocorra; assim, o professor aproxima os alunos e cria um clima agradável em sala de aula, onde os alunos se sentirão mais à vontade para perguntar, questionar, tirando assim suas dúvidas e contribuindo de forma mais eficaz nas aulas proporcionadas e tornando-as mais produtivas.

Os professores levam em consideração quando preparam em suas aulas o nível linguístico, o conhecimento prévio, contexto, características e opiniões dos alunos. De acordo com os professores:

- Deve levar em consideração o que os alunos já sabem, ou seja, o conhecimento prévio (T3).
- Deve procurar usar uma linguagem que seja acessível ao aluno e que busque atingir os interesses dele para que possa ser um aprendizado significativo (T5).
- Deve levar em consideração o conhecimento que o aluno já tem, seus hábitos e realidade em que vive (T7).
- A situação socioeconômica à qual o aluno pertence e está inserido (T8).

Nessa perspectiva, o real contexto e o meio em que vive o aluno devem ser levados em consideração como pontos articuladores e mediadores no processo de ensino e aprendizagem, pois se o professor desconsidera esses aspectos acaba descartando fatores importantíssimos que implicam na transformação do aluno e posteriormente do meio em que ele vive. O contexto em que o aluno está inserido influi bastante no aprendizado: se “caso não faça diferença, cabe parar de reclamar da estruturação familiar, da violência, do desemprego, da televisão! Se admitirmos que influencia, urge lembrar que também fazemos parte dele e que, portanto, podemos e devemos interferir” (VASCONCELLOS, 2001, p. 125). Assim, cabe ao professor levar em consideração esse aspecto em sua prática de ensino.

O conhecimento linguístico e prévio do aluno implica na metodologia também do professor, visto que ele para dinamizar mais suas aulas e conseguir a interação da turma, ou

seja, a participação de todos, deve ter esse dispositivo como norteador no processo de ensino e aprendizagem do Português. Assim, terá ferramentas para reformular suas práticas de ensino, refazendo-as a partir do que não foi assimilado.

Quanto à formação continuada, a maioria dos professores tem participado, por acreditarem ser importante para estarem sempre atualizados, destacaram: “sim, sempre estou buscando metodologias que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem” (T6); “sim, sempre procuro fazer esses cursos de formação continuada, pois considero muito importante estar sempre atualizada para enfrentar os desafios na minha prática docente” (T4). A formação continuada é fundamental, pois “os professores, além de bem formados, carecem de atualização constante, para corresponderem às expectativas modernas” (DEMO, 2012, p. 95).

Vale ressaltar que o professor deve se colocar num processo de autoavaliação de forma a perceber se não está caindo em uma metodologia monótona e repetitiva, desconsiderando a real necessidade da sua turma e a prejudicando no aprendizado. Por isso esse procedimento é “[...] um processo que ocorre ao longo de toda carreira, sendo um processo interativo e de acúmulo de várias aprendizagens” (LIMA, 2013, p. 63).

Além da autorreflexão em relação à sua prática pedagógica a escola deve ser uma aliada deste educador, pois se não há suportes para tornar as aulas mais diversificadas, os professores não terão ferramentas necessárias para colaborar de forma dinamizada na construção da aprendizagem dos alunos; assim, “não se pode ficar acusando o professor como se fosse o grande responsável por todas as mazelas da educação [...]” (VASCONCELLOS, 2001, p. 123).

A partir dos posicionamentos, apesar de enfrentarem diversas dificuldades e alguns professores ainda estarem atrelados ao ensino gramatical, acredita-se que a prática educativa é ampla; o professor não deve exclusivamente estar voltado ao ensino da sua disciplina, mas deve contribuir na vida do aluno enquanto cidadão crítico e atuante na sociedade, transformando o meio em que vive.

O perfil do educador diante das transformações do ensino da Língua Materna deve estar baseado na formação integral do aluno e no desenvolvimento de competências como a emancipação, a criticidade e a participação. Logo, “os professores de Língua Portuguesa devem reconhecer-se como sujeitos do processo educativo, capazes de pensar, executar e avaliar seus

procedimentos pedagógicos, exercendo suas atividades com ética e com responsabilidade (CUNHA, 2013, p. 22).

Considerações finais

Diante de todas as observações feitas, compreendeu-se que o ensino da Língua Portuguesa pode colaborar muito na formação integral do aluno, desde que o professor utilize métodos de ensino e aprendizagem, baseados no contexto histórico, na intertextualidade e, que levem em consideração o trabalho e respeito com a linguagem.

Nas respostas das questões, constataram-se perfis de professores de Língua Portuguesa presos a velhos sistemas de ensino e que não colaboram na formação do aluno. Ainda são necessárias renovações de práticas e tomadas de atitudes que ajudem de forma constante e satisfatória no processo de ensino e aprendizagem.

De forma geral, a pesquisa mostrou a grande necessidade de ações que possam contribuir na construção de um ensino renovador e para isso necessita-se de uma nova postura do professor de Português diante das diversas mudanças ocorridas na sociedade, promovendo no aluno o desenvolvimento e a competência linguística quanto ao aprendizado da Língua Materna.

No entanto, deve este educador da Língua Materna atentar para as mudanças ocorrentes na sociedade e acompanhá-las, pois não pode ficar estático diante dos acontecimentos. O perfil do professor dos dias atuais não deve ser mais o mesmo de um século atrás. Torna-se vital que este educador colabore na emancipação de seu educando, e ao enxergar uma nova realidade e possibilidade possa atuar de forma efetiva.

Sabe-se que a educação escolar tem grande teor político, tanto na transformação e no desenvolvimento das pessoas e da sociedade. Há uma grande necessidade de educação e educadores que se comprometam efetivamente com a transformação social, e para que isso ocorra torna-se fundamental rever as práticas de ensino da língua.

Ensinar significa estar em um processo constante de construção do conhecimento, haja vista que o mesmo se faz a partir de pesquisas constantes, avaliação da prática, comprometimento com o educando. Nessa condição, diante dos vários limites nela embutidos, o educador é convidado a provocar um ensino que leve a disciplina a não ser estagnada, mas

conduzida na inquietude, na dúvida que instiga. Uma educação que seja interferência profunda na sociedade.

Em suma, é dentro desse contexto que o professor de Língua Portuguesa deve desencadear o processo de ensino, diagnosticando as necessidades dos alunos e conhecendo as múltiplas realidades presentes em sala de aula. Só dessa forma colaborará na formação de cidadãos críticos, conscientes, participantes e autores das próprias vidas e das transformações sociais iminentes.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Náyra Cristina do et. al. Desafios da língua portuguesa no ensino fundamental. *Revista Científica Eletrônica de Pedagogia*, Ano X, n. 19, jan. 2012.

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: encontro & interação*. 8. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; VIEIRA, Sílvia Rodrigues. *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília, DF: MEC; SEF, 1998.

CUNHA, Sérgio Fabiano Labruna. O papel do professor de língua portuguesa no paradigma da educação inclusiva. *Revista Idea*, v. 2, n. 1 . jul.-dez. 2010.

DEMO, Pedro. *Desafios modernos da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FRAGA, Camila Farias. *Estudo da formação inicial do professor de Língua Portuguesa na UFSC: reverberações dos documentos oficiais no currículo do curso de letras*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: SC, 2016.

FREITAS, Manoel Guilherme de; BARBOSA, Maria do Socorro Maia Fernandes. O professor de língua portuguesa no contexto atual: desafios e avanços. *Revista Letras Raras*, v. 2, n. 1, 2013.

LIMA, Rosely Ribeiro. *O processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa: representações sociais de professores dos anos iniciais do ensino fundamental*. Tese de Doutorado. Cuiabá: MS, 2013.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação*. 8. ed. São Paulo: Libertat, 2001.

Recebido em: 19 de maio de 2020.

Aceito em: 02 de dezembro de 2020.